



Director literario:

Arquibaldo
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Quarcolletts
PAPUSSE

DAHIR EMBRIAGADO



Embriagado, Dahir.
—(guerreiro da antiguidade)—
altivo intenta sair,
pelas portas da cidade.



Abertas de par em par,
bem fáceis são transpôr,
mas Daír, ao caminhar,
sente um estranho torpôr,



Com a vista um pouco turva,
em vez de seguir a eito,
faz, quando em quando, uma curva;
vai contra o lado direito!



Torna a tentar—(que arrelia!)—
porém, cada vez mais lerdo,
segue pimpão; todavia,
esbarra no lado esquerdo!

Com voz entaramelada,
diz, então, com gravidade:
—«Já percebi; está fechada»
e volta para a cidade.

Os anos da Avozinha

por Garota Indialvada

bonecos de E. M.



FAZIA anos a avozinha. Que dia festivo, e que alegria e ventura para os seus filhos e netos! Nos rostos comovidos dos que a rodeavam, transparecia bem real e sincera a veneração e a estima de que era alvo, aquela simpatia extraordinária e espontânea que nos aproxima de todos os

vêlhinhos, auxiliando-os, guiando-os no caminho, que, por ventura, o tempo já lhes não permite atravessar livremente.

É tão bom ter uma avozinha, meus amiguinhos! Com que carinho e doçura nos anima, com que paciência santificada nos repreende e nos perdôa!

É a mãe de nossa mãe, e acima de nossos Pais, é, sem dúvida, a nossa melhor amiga, que mais nos ama e estremece.

Nesse grande dia, em que a avó completava oitenta e três anos, vendo-se rodeada de todos os seus filhos e netinhos, comovia-se até às lágrimas, lágrimas teimosas e rebeldes que vinham dar mais fulgôr aos olhos então já gastos e cansados. Mas que santas lágrimas! Eram de felicidade, de amor e de ternura. Ela acariciava os cabelos louros dos bebês e, recordando que já fôra nova também, bela e amada, sentia agora uma alegria imensa de se vêr assim respeitada e estimada por aqueles a quem dedicara toda a sua vida, todo o seu affecto, todos os seus cuidados.

É, na verdade, extraordinariamente belo e santo o amor da família!

Todos os netos lhe ofereceram prendas. Um lindo «napperon», singelamente bordado, foi offerta da Nita; a Helena comprara um grande Pão de ló que sabia ser muito apreciado pela avozinha; finalmente o Nécas e Luiz Filipe, já mais crescidos e ponderados, quizeram mostrar que bem sabiam aproveitar também as suas economias!...

Ofereceram-lhe uma linda moldura de prata com os seus retratos.

A todos, sorrindo e acariciando com bondade, notou a simpática vêlhinha a tristeza profunda da sua netinha mais nova.

Pois se ela nada tinha para oferecer à sua querida avó! — respondeu esta, soluçando, à interrogação formulada.

Minha querida, então que havias tu de me dar, meu anjo — dizia-lhe a avó comovida. Que sejas muito boazinha e obediente é o que desejo, é isso o que maior alegria me dará, acredita! Agora, vai brincar, meu amor, e não quero vêr-te chorar mais, Mariazinha foi, mas tão triste, tão triste... Pôs-se a pensar e um sorrisito feliz raiou nos seus lábios lindos, um pensamento rápido atravessou aquele pequenino cérebro infantil, dando-lhe ao coração uma alegria imensa. Correu a encerrar-se no seu quarto donde só saiu à noitinha, para o jantar de festa. Todos, então, lhe notavam já aquela mesma sinceridade de sempre, a sua desenvoltura habitual, e as suas gargalhadas francas, argentinas, ecoavam alegremente por toda a sala! Aproximou-se da avozinha e, com um sorriso travesso e olhar meigo, lhe disse:

Avozinha, boazinha,
Vais-me agora perdoar



Esta prenda pequenina
Que tu podes não gostar.
Mas olha que é de vontade,
Avó, do meu coração,
Foi feita durante a tarde...
E não lhe puz um borrão...

E a pequenita mostrava, orgulhosa, numa grande
folha de papel, tôdo o seu trabalho da tarde, sem

um único erro, nem um único borrão. E com que
carinho, com que paciência fizera aquela escri-
ta... feliz, enfim, por já ter que oferecer à sua
querida avózinha!...

A avó olhava-a, comovidamente, soluçando. Era
agora ela quem chorava, beijando a neta, admi-
rando-a, e reconhecendo que aquele amôzinho ti-
nha uma alminha clara e límpida e um coração mei-
go como o de um anjo.

■ F I M ■

UMA CURIOSA INICIATIVA

Atenção

Augusto de Santa-Rita e Olavo D'Eça Leal, dispondo-se a organizar «matinéés» infantís no *Teatro do Gimnásio*, com o patrocínio e valiosa colaboração do distinto actor Erico Braga, pedem aos pais dos pequenos leitores do *Pim-Pam-Pum*, que desejem iniciar os seus filhos na carreira teatral, a fineza de endereçarem, para o Teatro do Gimnásio em nome de Olavo D'Eça Leal, uma proposta subordinada aos seguintes requisitos:

- Não ultrapassar a idade dos 15 anos.
- Não aparentar defeitos físicos.

- Ter boa memória e muita vivacidade.
- Saber ler e escrever.
- Indicar as aptidões excepcionais de que disponham. Não sendo, todavia, indispensavel possuí-las, como sejam: — cantar, tocar qualquer instrumento ou dançar.
- Enviar uma fotografia.

Escusado será acrescentar que esta iniciativa tem um aspecto essencialmente profissional e que os pequenos actores serão remunerados, conforme as suas qualidades e condições a combinar.

A obra de mestre Hilário

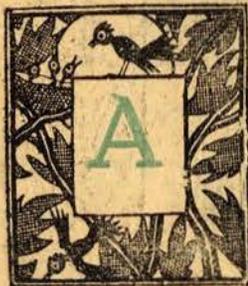
NOVELA INFANTIL

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de EDUARDO MALTA

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

AUSPICIOSO ENLACE



dois de Abril de 1883, numa linda manhã de Primavera, ao searem na torre as doze badaladas do meio dia, o adro monumental da Basílica da Estrela, tódo engalanado e atapetado por vermelha alcatifa, estava repleto de convidados e povo que, em alas compactas, assistiam à passagem, de Valentina a qual, arrastando um longo manto de noiva, vaporoso e niveo como a espuma do mar e ostentando uma linda grinalda

de flores de laranjeira, coroando os doirados cabelos, regressava do Templo, dando o braço direito a Franklim Joice, o gentilissimo noivo, a cuja figura esbelta, uma casaca de talhe irrepreensível, um colar e seis condecorações, imprimiam um cunho de extrema distinção.

Extensas filas de automóveis, enchiam quasi tódo o lar-

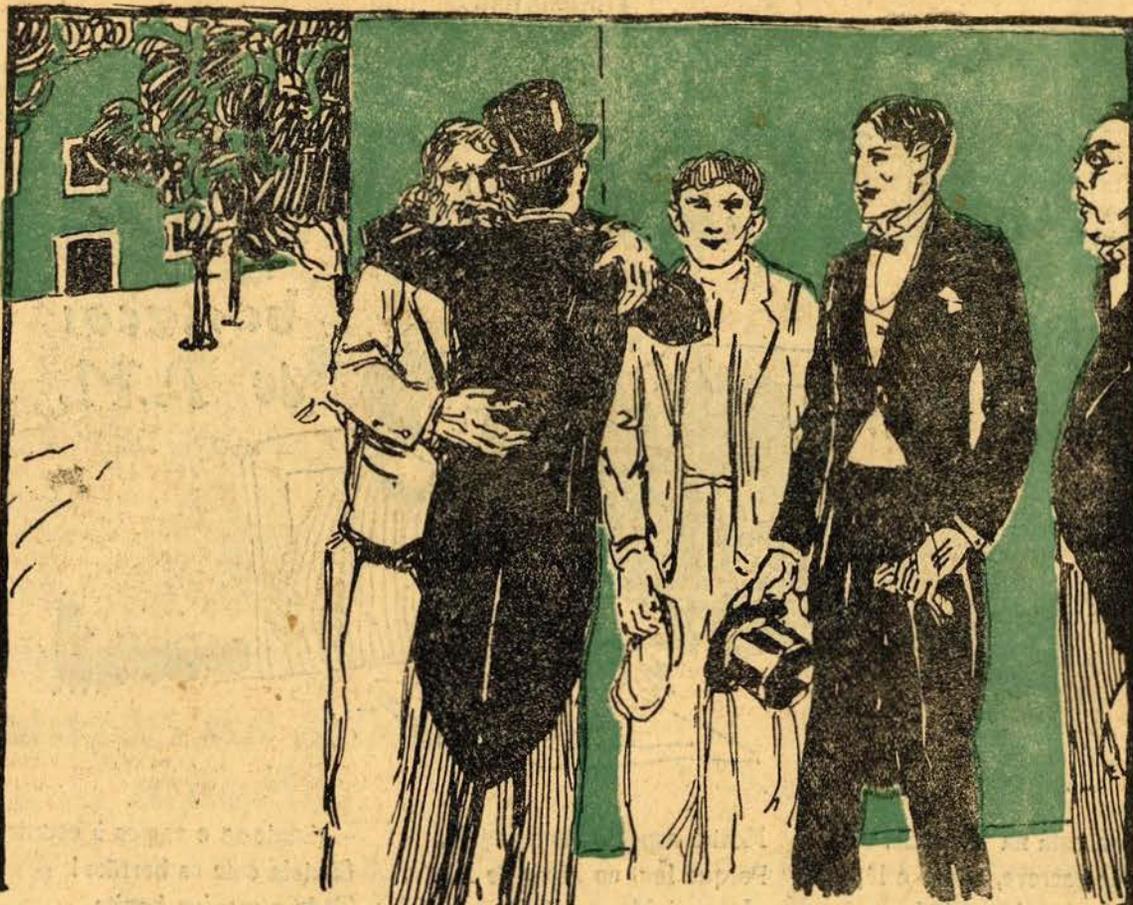
go. As mais representativas figuras da alta finança, das letras e da política, moviam-se, agitavam-se, animadamente, procurando os respectivos «autos», entre a curiosidade dos espectadores casuais, que a polícia, de luva branca e distintivo de gala, tentava afastar, desimpedindo o trânsito. Uma banda de música dum regimento, em forma, entoava os primeiros acordes da marcha nupcial.

Em virtude da habitação de Franklim não ser sufficientemente espaçosa para o grande numero de convidados, foi resolvido que o «copo de água» seria servido no Avenida-Palace-Hotel, onde oito criados de calção e meia, sôb a direcção do «maitre», andavam já numa azáfama, dispondo-o artisticamente, numa série de mesas em forma de ferradura — augúrio de felicidade — e dando os últimos retoques para que a minima falta pudesse ser notada.

A uma hora menos vinte minutos, o festivo cortejo parava à porta do «Palace» e, vinte minutos decorridos, uma série de brindes se trocavam, festejando o auspiciosissimo enlace do primeiro ministro de Portugal, de cujo talento brilhantissimo havia ainda a esperar compensadores triunfos.

As três horas da tarde, Franklim Joice e Valentina, já com os seus trajos de passeio, retomaram o seu automóvel





que logo se dirigiu para Sintra onde os amorosos noivos iam passar a sua «lua de mel».

ELEIÇÃO dum NOVO CHEFE de ESTADO

Passados quinze dias, após o casamento de Franklím, activavam-se os preparativos da nova eleição para a Presidência da República que ia vagar por haver terminado o mandato do presidente eleito.

Zé Falcão, cuja influência política se transmudara em favor de Franklím Joice, candidato proposto, andava em constante labuta de propaganda, contando já, como certos, quatrocentos mil votos.

Chegara, finalmente, o dia da eleição e atingira o seu auge a anciedade popular.

Quando após o grande rescaldo do Poente, começava tombando a cinza da tarde, D. Ana, sentada à porta da sua humilde casinha, aguardava, ansiosa, a sensacional notícia do triunfo eleitoral.

— «Quem venceria?! Quem viria a ser o novo Presidente?!...» Além de Franklím, do marido da sua querida nêtinha, dois candidatos tinham probabilidades de vitória.

Súbitamente, ao longe, um pregão: — «à última hora!...» — alvoroçou mais ainda a adorável velhinha, mãe de Zé Falcão.

— «Pchiut... pchiut...!» chamou.

Um pequenino ardina, que conhecia D. Ana, avançou, então, e, reconhecendo-a, logo lhe deu a sensacional nova:

— «Parabéns, senhora Ana; o marido de sua neta, já está Presidente!»

Tremula de emoção, já com duas lágrimas a bailarem-lhe, de louco contentamento, no enrugado rosto, D. Ana, extremamente comovida, pegou no jornal «A ORDEM», do seu querido Franklím, e leu as seguintes palavras que, em grossos caracteres, encimavam a primeira página:

ATINGINDO A MAIORIA DE VOTOS,
FRACKLIM JOICE,
o nosso querido director,
FOI ELEITO NOVO CHEFE DE ESTADO.
VIVA A REPÚBLICA,
VIVA PORTUGAL!

.....

Ansiosa pela chegada do filho, a fim de lhe ouvir mais pormenores, D. Ana foi sentar-se, novamente, à portinha de casa, devorando, com o olhar, o desenvolvido relato do grande acontecimento que já enchia toda a cidade, que no dia imediato se estenderia por todo o país e acabaria por ser comentado até na imprensa estrangeira. Também

NA GRANDE CONFEDERAÇÃO INFANTIL

a notícia da eleição de Franklím Joice, para a Presidência da República, havia sido avidamente lida, não só por Mestre Hilário e por D. Graziela como por todos os discípulos que intimamente haviam feito ardentíssimos votos pelo triunfo do seu antigo internado.

Haviam já decorrido três semanas após a proclamação de Franklím Joice, quando, de chofre, Hilário de Santa Rosa e D. Graziela receberam a grata notícia de que o Senhor Presidente da República resolvera consagrar a sua primeira visita oficial à «Grande Confederação Infantil», como prova da muita consideração e apreço que lhe merecia a benemérita Instituição e de que essa visita se realizaria pelas três horas da tarde do mesmo dia.

(Continua no próximo número)

A LIÇÃO da Veva

por
Carflóten

bonecos
de A.M.



A Veva está na berlinda,
Porque escreve, conta e lê,
Desenha e colore ainda,
Tudo isto, só quando é linda,
Quando quere, já se vê...

Mostra aspecto compungido,
Porque leu, no *Hino de Amor*,
«Jesus, doido...» — «Olhe o sentido:
Não é *doi-do*, mas *do-i-do*...
Volve a mestra, com rigor.

— «Sente-se e vamos à escrita...
Cautela com os borrões!
Tôda a menina bonita
Não procura, mas evita,
Dar aos mestres ralações...»

Repetir vai ela, agora,
A *Cartilha Maternal*;
Nas vogais não se demora,
E depois, por ali tóra,
Sabe tudo menos mal.

Nenhum livro lhe é tão grato,
Como êste, os encantos seus!
Trá-lo sempre a bom recato,
Não vá perder o retrato
Do querido João de Deus!

«Era já noite cerrada...»
Por modelo a mestra deu
Só êste verso, e mais nada...
«Cheira já muito a maçada...»
«Sem reparar»... escreveu!

No *cequêxe* da Cartilha,
A palavra *caça* vem;
Como o sangue lhe fervilha,
Não repara na cedilha...
— Um descuido, qualquer tem!

Já terminada a leitura,
Segue ao quadro, e, com o giz,
Dum homem traça a figura,
Mas, prevendo arte futura,
Deixa-lhe em branco o nariz!

— «O juízo nos ensaboa!
Não tem propósito algum...!
Diga ainda, — não à tóa:
Com quantos fica a pessoa
Que de vinte tira um?»

Seus ouvidos andam cheios
De regras que a mestra dá;
Reproduz, livre de enleios;
— «Vaze o jarro tem vozeios,
Tem bafejos *faça chá*».

A mestra, que não é lerda,
Começa logo a ralar;
Então, de tempo sem perda,
Na orla da face esquerda,
O nariz foi desenhar!

— «Com um! — «Essa agora é rica!
Tome êstes bagos de grão...
Vinte, como verifica...
Bem! Tire um... Com quantos fica?»
— «Com um... e cá está na mão!»,»

■ F I M ■

HORA DE RECREIO



Decifração da adivinha do penultimo número

Albano
Albino
Alcino
Adão
Aleixo

Alfredo
Augusto
Armando
Alberto
Anacleto

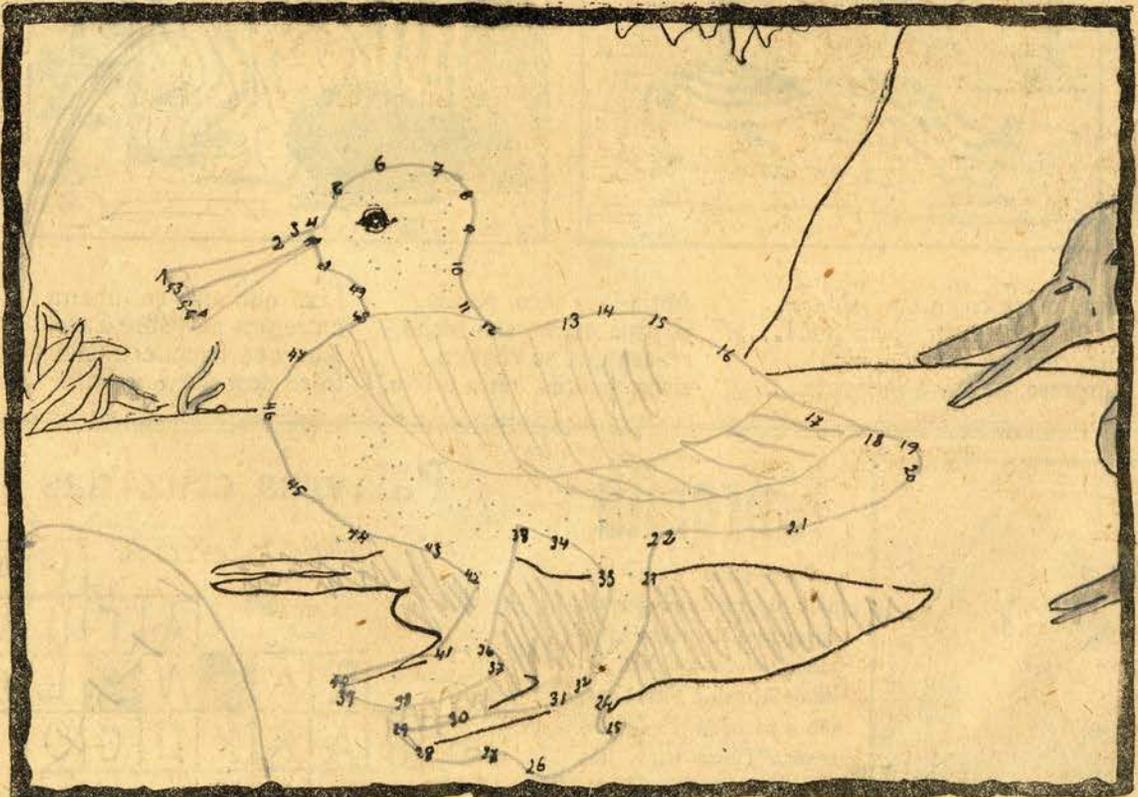
Adolfo
Americo
Afonso
Agapito



Solução da adivinha anterior

1—Aio—2—Fio—3—Mio—4—Tio—5—Rio—
6—Pio.

Meus meninos vejam se descobrem onde se encontra a filha dêste guerreiro.



BONECO PARA TRACEJAR E COLORIR

OSSOS DO OFICIO

Desenhos de João da Gama Pimentel Barata



O moço de fretes Paco, natural de «chão de Lobas» conduz às costas um sacco que pesa umas cinco atrobas.



Como vai um pouco «à rasca» e já com dor numa ilharga, decide entrar numa tasca e deixar à porta a carga.

O gatuno Zé Varejo, cobiçando o grande sacco, aproveita o belo ensejo de roubar o pobre Paco.



Voa, corre como um galgo... —«Já devo estar governado!...» diz, consigo, o ladão, algo surpreso, alegre e intrigado.



Abrindo o sacco, porém, já distante, no seu nicho, repara que só contém cisco, pedras, terra e lixo.

Lixo que uma cozinheira entregara ao pobre Paco, para que numa estrumeira fosse despejar o sacco.



Morenita

O «Pim-Pam-Pum» tem hoje o grande prazer de apresentar aos seus pequenos leitores a sr.^a D. Júlia de Almeida Nunes que, sob o pseudónimo de *Morenita*, tantas vezes tem honrado o nosso suplemento com os fartos recursos da sua bela e rica imaginação.

Palavras cruzadas

Problema

				PA
			ATUM	
	RA		N	LO
BARROGO				

Solução do problema anterior

O Augusto D. Gomes de Sá 1929 PARTO